



A QG Feminista é uma revista digital gratuita feita com trabalho voluntário de mulheres que escrevem e traduzem textos sobre diversos temas importantes sobre a opressão feminina.

Este zine tem o intuito de mostrar alguns de nossos textos para que você venha conosco para a luta! Vamos juntas!

Acesse todos os nossos textos em:
qgfeminista.org



Créditos

Autoras desta edição:

Ana Rech
Bruna Santiago
fêmea brava
Gail Dines
May Mundt-Leach
Meagan Tyler
Sapataria Radical
Susan Hawthorne
Wendy J. Murphy

Tradutoras desta edição:

Aline Rossi
Bruna Santiago
Mariana Amaral

Ilustradoras desta edição:

Capa e páginas 14, 19 e 23:
Hariná de Moura Marques @ sementesselvagens
Páginas 36 e 37:
Camila B. Alvarenga
Página 4, 5 e 21:
Maria Antonia
Demais imagens:
Melina Bassoli

Quadro da página 27:

Sabrina Falcão

Revisão:

Ludmila Rodrigues

Diagramação e Projeto Gráfico:

Melina Bassoli

Produção e Distribuição:

Mariana Amaral

Idealização:

Cila Santos



EV CREZCI ZEM
ZABER QUE
EXISTIA

Índice

Entendendo o que significa “feminismo liberal”	6
Da captura capitalista do conceito de empoderamento	10
Farsa de uma emancipação feminina dentro do militarismo	15
efeito batom	17
“Marcha das vadias” não é liberação sexual	20
Precisamos ensinar nossas mulheres e meninas a dizer não	24
Feminismos fragmentados	28
A tolerância tomou conta do feminismo e ameaça destruir o movimento	34
Não, feminismo não é sobre escolha	38



ENTENDENDO O QUE SIGNIFICA “FEMINISMO LIBERAL”

Por: Bruna Santiago

Talvez você já tenha visto críticas ao “libfem” — do inglês, “liberal feminism”, ou “feminismo liberal” em tradução literal — por ele não ser “feminismo de verdade”. Talvez você nunca tenha visto essas críticas. Talvez você nem saiba o que é, de fato, feminismo liberal, já que o entendimento acerca dele está envolto numa tremenda confusão semântica. Esse termo, “feminismo liberal”, é usado de muitas maneiras e para caracterizar coisas semelhantes à primeira vista, mas bastante distintas na prática.

Dessa forma, você pode ouvir o termo “feminismo liberal” referindo-se, num contexto histórico, à primeira “onda” feminista. Também pode encontrá-lo referindo-se a um conjunto teórico de estudos feministas baseados em ideias liberais (que muitas entendem como uma “vertente”) e também para sinalizar práticas neoliberais que erroneamente são identificadas como “feministas”. E, ainda, há confusão com o termo “liberal” como algo próximo a “liberalidade”, como sinônimo de algo libertador, o oposto de conservador, melhor dizendo. É comum, então, que se pense, à primeira vista, que “feminismo liberal” é aquele feminismo que, simplesmente, deseja “liberdade” para as mulheres.

Quando falamos em feminismo liberal, estamos nos referindo ao movimento por direitos das mulheres pautado na doutrina político-econômica do liberalismo. O liberalismo ascende no século XVIII, especialmente com a independência dos EUA e a Revolução Francesa. A ideia de seus teóricos era criar uma teoria de Estado que não se baseasse em poderes divinos e pautada nos direitos individuais (podendo criticar o absolutismo monárquico, em que até a vida das pessoas poderia pertencer ao rei).

Liberais defendiam as liberdades do indivíduo, que poderia incluir direito à vida, à propriedade, de ir e vir e ao voto. São hoje considerados direitos humanos de primeira geração, em que o foco é o indivíduo e suas liberdades pessoais, e não a coletividade. O liberalismo é essencialmente individualista.

Alguns liberais chegaram até a falar da condição feminina, como John Stuart Mill, no século XIX, que defendeu o direito da mulher ao divórcio e ao voto, mas não era a regra. O liberalismo nasceu em solo burguês e patriarcal, e suas principais expressões ao longo da história apagaram a participação das mulheres.

Na Revolução Francesa, por exemplo, foi elaborada e ratificada a “Declaração dos direitos do Homem e do Cidadão”, uma síntese do pensamento burguês liberal do momento, e — como seu próprio nome carrega — masculinista. Em resposta a esse documento, Olympe de Gouges elabora, dois anos depois, sua “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, para exigir igualdade jurídica, política e social entre homens e mulheres (ela era burguesa e foi guilhotinada na Revolução, nem seus “iguais” a pouparam).

Em termos de feminismo, o liberalismo foi assimilado, num primeiro momento, como fundamento teórico do direito ao voto feminino. Afinal, se essa doutrina defendia serem todos os seres humanos iguais e sujeitos de direitos civis, por que as mulheres deveriam ser excluídas? E foi no liberalismo que as primeiras feministas

se pautaram para defender seus direitos à participação na esfera pública, o direito ao trabalho, ao controle de suas finanças e à participação e à representação política.

Quando as mulheres começam a desenvolver suas próprias teorias e sua própria maneira de analisar e de interpretar sua história e a sociedade, as teorias fundamentalmente masculinas foram sendo criticadas, porque teorias elaboradas por homens (e brancos e burgueses) são e sempre foram parciais e excludentes — mesmo que se considerassem universais. E o liberalismo se mostrou um inimigo do movimento feminino, porque desconsidera as estruturas da sociedade, que em algum grau condicionam e limitam as nossas liberdades, independentemente de nós as termos institucional e formalmente.

Somos totalmente livres ao escolhermos qualquer coisa ou ao tomarmos qualquer decisão? Nossa cultura e nossas experiências de vida (que são atravessadas por nossas classe, cor de pele e sexo) não condicionam a forma como nós enxergamos o mundo? E é possível falar em liberdade de verdade se a nossa “liberdade de escolha” é limitada por todos esses fatores?

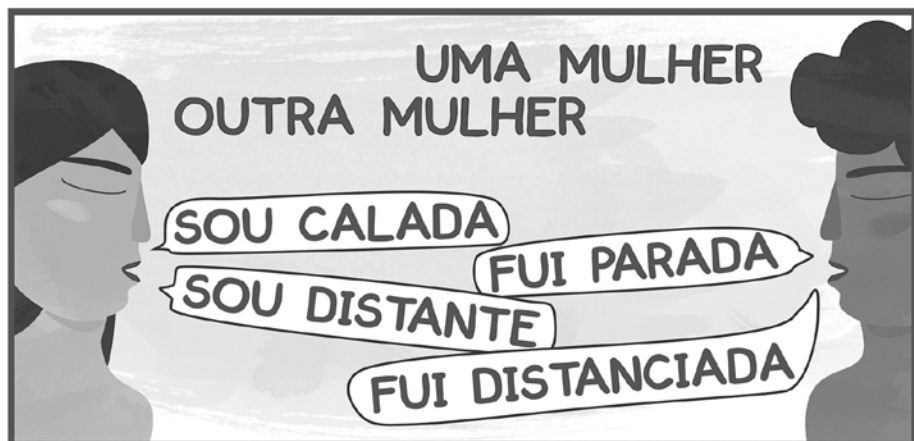
Pensem no fator de classe social, na dinâmica entre a classe dominante e a classe dominada e nos mecanismos de que a classe dominante dispõe para convencer a classe dominada de que seu lugar é como “dominada” mesmo. O objetivo é que a classe dominada acredite que políticas e teorias prejudiciais aos interesses das elites são prejudiciais aos interesses da sociedade como um todo, alienando-se de sua própria condição, e, conseqüentemente, de suas próprias necessidades. Por isso, a tomada de consciência de classe é essencial para o processo revolucionário.

Com nós, mulheres, o processo é semelhante. Diversas autoras, como Simone de Beauvoir e Gerda Lerner, nos falaram que o processo histórico de dominação da mulher só foi bem-sucedido porque teve a ajuda das próprias mulheres. E as mulheres “ajudaram” em seu processo de dominação porque 1) eram física, intelectual, emocional, social e sexualmente coagidas a fazê-lo e 2) eram convencidas de que seu lugar realmente era o da subordinação.

Ter a consciência de que as mulheres (e as meninas) compõem uma classe própria foi um

passo teórico, político e social essencial para a nossa conscientização, porque nós passamos a nos enxergar como coletividade, como uma massa que, apesar de trazer dentro de si tantas diferenças — de nacionalidade, de cor de pele, de cultura, de religião, de idade etc. — ainda é oprimida estruturalmente mais ou menos da mesma forma e com o mesmo fundamento em todos os lugares do mundo. A partir dessa consciência conseguimos refutar as teorias individualistas e percebemos que não é porque algo é bom para uma pessoa, individualmente, que é bom para a classe de que ela participa.

Nosso compromisso, enquanto feministas, é pela libertação das mulheres. De todas as mulheres. Não é coerente defender o direito de uma mulher fazer algo que é motivo de aprisionamento para as outras mulheres. A partir do momento em que temos consciência das estruturas que nos aprisionam e nos exploram, é incoerente defender ideias e valores defendidos por grupos que têm interesse na manutenção de nossa dominação/exploração (por isso falamos repetidamente que se determinada ideia “feminista” agrada à classe masculina, então ela não é feminista).





DA CAPTURA CAPITALISTA DO CONCEITO DE EMPODERAMENTO

Ou como o capitalismo se apropriou de um conceito anticapitalista

Por: Bruna Santiago

Empoderamento. A palavra do momento nos movimentos sociais, agora, é empoderamento. Tem sido tão falada que já disseram que se tornou um clichê. Uma rápida pesquisa no Google mostra que o número de pesquisas por esse termo explodiu nos últimos anos.

Mas, será que realmente sabemos o que é?

Historicamente falando, a palavra em inglês “*empowerment*” começou a ser usada em meados das décadas de 60 e 70 do século passado por diversos grupos diferentes (desde psicanalistas, passando por feministas, até budistas). Mas foi com a publicação do livro “Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities”, de Barbara Solomon, que se delineou verdadeiramente seu conceito.

Barbara Solomon discute as dificuldades de se desenvolverem trabalhos sociais voltados às pessoas pretas dos Estados Unidos e por que isso acontece. Ela explica que todos os anos de valoração negativa de pessoas pretas — em outras palavras, o racismo — afetaram significativamente a forma como, individualmente e em grupo, se enxergam, se relacionam, se expressam, adquirem e lidam com conhecimento... e isso leva à incapacidade de tomar decisões por si, pensando no que é melhor para si e para sua comunidade — o que é realmente melhor, não aquilo que nos dizem ser melhor.

Empoderamento, portanto, está relacionado à agência e à capacidade de tomar decisões sobre questões que concernem somente à sua própria classe. São as mulheres falando pelas mulheres, pessoas negras falando pelas pessoas negras, porque somente quem cresceu vivendo e vive, de fato, as opressões cotidianas na pele vai conseguir identificar

a melhor maneira de resolvê-las, de lidar com elas. Por isso o protagonismo do grupo vitimizado é tão importante — o protagonismo é, em si, uma forma de empoderamento, porque confere aos sujeitos a tal agência, a potência, o direito à determinação de sua própria vida e seu próprio destino; coisa que sempre lhes foi negada.

A obra bebe na fonte de diversas teorias anteriores, incluindo a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, que fala da importância do processo de conscientização do sujeito oprimido — somente assim, reconhecendo e compreendendo sua situação no mundo, esse sujeito poderia romper correntes e tornar-se politicamente consciente e capaz de fazer escolhas por si próprio. Não é possível o empoderamento, portanto, sem tomada de consciência, por parte do sujeito, do lugar que ele ocupa no mundo, da sua condição, da sua realidade material. A revolução que não começa no próprio sujeito, em sua identidade, em sua intimidade, está fadada ao fracasso... e é isso que vem acontecendo.

O conceito de empoderamento foi subvertido para

compreender literalmente seu oposto! Num processo de distorção, empoderamento virou sinônimo de fortalecimento da autoestima. Virou sinônimo de autoafirmação, de abraçar a própria identidade, independentemente — eis a questão — das opressões envolvidas na própria construção desses fatores.

Porque é gostoso. É fácil. É infinitamente mais fácil aderir a um discurso individualista que tira do indivíduo a responsabilidade da mudança social, desprezando o que ele faz em sua vida privada, individualmente. Toda mulher que conhece o feminismo sofre e sente muita raiva, isso é ululante, é um processo absurdamente catártico. Ninguém reconhece a própria opressão numa boa. Fica difícil ler notícias de estupro e de pedofilia, fechar o computador, passar três camadas de batom e ir pra balada com as amigas.

É nessa onda que, por exemplo, a maquiagem, um dos pilares da manutenção e da reprodução da feminilidade, virou requisito necessário para se empoderar, principalmente no caso de mulheres negras (a quem o cuidado com a própria beleza e estética sempre foi negado),

mulheres gordas, mulheres fora do padrão, de forma geral. São anos, décadas de produção acadêmica feminina sobre a crueldade da imposição de ritos de feminilidade (vide Sheila Jeffreys, Naomi Wolf etc.) simplesmente jogados no lixo, sob o argumento de “deixa ela fazer o que ela quiser, ela é livre pra isso!”. Usar maquiagem, reproduzir rituais de feminilidade, depilar-se, enfim — nada disso é um ato de liberdade. Você não escolhe fazer algo quando esse algo já lhe foi imposto. A negação desses atos, isso, sim, é uma escolha.

“Ai, mas eu não entrei no feminismo pra ficarem ditando mais regra pra cima de mim.” Primeiro, você não entra no feminismo, porque feminismo não é clubinho. Segundo, que ninguém está ditando regra; estamos simplesmente nos conscientizando de uma realidade, um fato: rituais de feminilidade são misóginos e foram criados por homens e impostos às mulheres por uma série de motivos e com uma série de finalidades (por exemplo, manter-nos submissas a determinados padrões estéticos inalcançáveis, manter-nos frágeis e constantemente em perigo — ou é muito fácil

correr de salto agulha e usando um vestido com que você mal respira? — e nos fazer lutar entre nós pela atenção e pela admiração de... homens.). Isso se chama crítica; autocrítica.

Quem se beneficia com o esvaziamento do real sentido de empoderamento? O capitalismo, é claro. Quem vende maquiagem. Quem vende produto de beleza. Quem vende as roupas bafônicas e lacradoras. Quem vende revista. Quem faz novela. Porque o capitalismo não vende só produtos; vende ideias, e, precisamente, as ideias que lhe são convenientes, por óbvio.

E as empresas não são estúpidas (aliás, quem trabalha com marketing pode ser tudo, menos estúpido). Elas sabem que, se continuarem reproduzindo discursos considerados socialmente retrógrados, perderão clientela. Então é infinitamente mais fácil e lucrativo mudar de discurso para continuar vendendo. E, de quebra, ganhar elogios de grupos e coletivos que deveriam ser anticapitalistas.

Não é à toa que o empoderamento virou um clichê, porque se esvaziou: ele agora é um coringa pra se vender qualquer coisa. Qualquer coisa.

Empoderamento é reconhecer opressões para poder-mos nos livrar delas. Não é jogar *glitter* na opressão porque assim nosso cotidiano vai ficar mais suportável. Se estivéssemos realmente passando por um processo de empoderamento, estaríamos boicotando produtos de beleza. Boicotando padrões estéticos. Boicotando a feminilidade, de forma geral. Boicotando estereótipos sexuais.

Estaríamos aprendendo a nos amar, sem necessidade de cosméticos, cirurgias mutilantes e acessórios que limitam nossa movimentação. Estaríamos conhecendo nosso corpo e admirando a complexidade de nosso sistema reprodutivo. Estaríamos falando de menstruação, de cândida, de métodos contraceptivos e de ginecologia natural. Estaríamos falando sobre masturbação e gozo. Estaríamos compartilhando vivências e experiências. Estaríamos falando sobre maternidade real e acolhendo mães em nossos espaços. Estaríamos falando sobre nossas dores. Estaríamos nos apoiando.

Isso é ir contra o que o patriarcado espera e é emancipação feminina. Porque cria um senso de coletividade. E coletividade

não é sinônimo de “pessoas reunidas”; são pessoas reunidas que pensam e agem de forma coletiva e não apenas uma somatória de indivíduos, como o liberalismo coloca. Muitas decisões coletivas podem não ser agradáveis para nós, individualmente, mas o serão pra coletividade — e, no final, é isso que importa, porque sozinhas nunca conseguiremos nada (não só mulheres, mas classes oprimidas no geral).

Isso significa que você tem que parar de fazer todos os rituais de feminilidade, inclusive aqueles de que você “gosta” (por exemplo, a maquiagem ou a depilação)? Não. Mas seja honesta e assuma a finalidade e as consequências desse comportamento para a coletividade.

“Ai, você quer que a gente fique o tempo todo de consciência pesada, então?” Quero, porque isso significa assumir responsabilidade. Vou repetir: feminismo não é clubinho, e ser feminista não é pretexto pra você fazer o que quiser e foda-se. Se você quer fazer o que você quiser, sem pensar nas consequências disso pra sua classe, privilegiando apenas suas próprias vontades e liberdades individuais, seu movimento teórico é outro, sinto dizer.

Por isso temos que desconfiar quando vemos empresas, canais de televisão e outras instituições capitalistas com um discurso supostamente “feminista”. Qual o interesse deles nesse discurso, considerando que eles não seriam, de forma alguma, beneficiados por uma mudança do *status quo*?

Empoderamento é coletividade. Empoderamento é pensar coletivamente. Empoderamento é conscientização, catar-se, duvidar de tudo o que já te disseram antes, pra que você possa tomar as decisões por você mesma.





A FARSA DE UMA EMANCIPAÇÃO FEMININA DENTRO DO MILITARISMO

Órgãos de poder, enquanto patriarcais, nunca estarão dispostos a receber mulheres.

Por: Ana Rech

As conversas entre alunos do ensino médio sobre os futuros objetivos de cada um são comuns; o intrigante, para mim, é saber que há certas meninas e mulheres que desejam ingressar no Exército, utilizando como justificativa, também, a necessidade de ocupação feminina nessa instituição patriarcal para ocasionar, gradativamente, a emancipação das mulheres. Eu, como feminista materialista, informo que é um equívoco.

Todos os órgãos de poder foram estruturados historicamente para a dominação efetiva, pública e privada, do masculino sobre o feminino — a isto, denominamos patriarcado. O Exército é a perfeita expressão deste sistema, e, na esfera pública, sua versão mais violenta. Exemplo histórico? Golpe de 1964.

Vocês se esqueceram? Vocês se esqueceram do Ato Institucional nº 5? Esqueceram-se do Movimento Feminino pela Anistia? Esqueceram-se das torturas e dos estupros acobertados, das mortes nunca reveladas? Mais uma vez, esqueceram-se da luta pela Comissão da Verdade? Uma pergunta mais realista: o que fez com que vocês se esquecessem?

A realidade é que permitir o ingresso de mulheres no Exército Brasileiro, em 1986, e nos Colégios Militares, em 1989, a integração de mulheres nos quadros complementares de oficiais do exército, em 1992, e a universalização do acesso das mulheres aos concursos militares, em 2017, serviu como ilusão emancipatória: ações plenamente pirotécnicas, nada revolucionárias. A venda mercadológica da intenção de mutabilidade por parte do Exército para um sistema que auxiliará a busca das mulheres por espaço na sociedade é uma máscara, um véu do patriarcado. Sua intenção real é clara e não é nova: o opressor controla nossas memórias, pensamentos e sentimentos, prometendo espaço às minorias, para que, por fim, acei-

temos suas imposições com vontade. O liberalismo burguês já fez isso na Revolução Francesa, conquistando o proletariado para depois intensificar a sua exploração.

Isso apenas se ratifica com a emergência de massas sociais mobilizadas a favor da Ditadura Militar, e, também, com a quantidade aterradora de mulheres tolerantes com esse militarismo “inclusivo” pseudoprogressista. E tudo isso após apenas 50 anos de história. Uma amnésia histórica generalizada, rápida, estruturada e eficiente.

Os crimes do militarismo são incompatíveis com o nosso desejo por uma democracia sólida, e, principalmente, com a procura por uma emancipação feminina expansiva, justa e consistente. Especialmente porque o militarismo é uma instituição patriarcal.

Não é conquistando espaço dentro do *status quo* patriarcal que conseguiremos promover a emancipação feminina. Afinal, o patriarcado permanecerá intacto. Nossa intenção é diametralmente contrária: recusá-lo e destruí-lo.



**AS
FERRAMENTAS
DO MESTRE NUNCA
DESMANTELARÃO
A CASA DO
MESTRE!**



EFEITO BATOM

“não preciso, mas quero” — o *slogan* que precisa descolar

Por: fêmea brava

as mulheres militantes da década de 1970 se reuniam para falar sobre os problemas enfrentados por elas, numa sociedade misógina, regida por regras patriarcais. chamavam esses encontros de algo como “tomada de consciência”, para elas, a origem do feminismo. entre outras coisas, perceberam que os padrões de beleza eram ditados por uma lógica masculinista e, por isso, era importante negá-los. livros foram escritos sobre isso. naquela época, elas perceberam que dietas e maquiagem eram duas das muitas formas encontradas por homens para nos docilizar. fazer-nos crer que coisas banais (dietas e maquiagem e indústria da beleza em geral) eram importantes. tão importantes que deveríamos nos ocupar disso o máximo de tempo possível. disso e de atividades dentro de casa, os famosos serviços domésticos.

mas o caso é que se passaram alguns anos desde esses encontros. de lá pra cá o cenário mudou um bocado: a indústria da beleza deu uma bela enriquecida e também se tornou bastante cruel. para além de maquiagem, salto alto e dietas, temos agora um consumo bizarro de produtos de cabelo. muita química. produtos para “higiene íntima”. produtos de depilação específicos para cada área. mais e mais maquiagem, incluindo “iluminador para vagina”. um consumo bizarro de intervenções estéticas. de cirurgias plásticas, inclusive para reconfiguração de lábios vaginais. inclusive em crianças. e um sem-número de etcéteras.

mas, o que aconteceu? por que nós, as feministas, paramos de problematizar os padrões de beleza mercadológicos? eles deixaram de ser misóginos? não. continuam ocupando nosso tempo com banalidades e ainda fazem mal para saúde, tanto física quanto psicológica da mulher. eles deixaram de ser masculinistas? torturantes? não. continuamos olhando para nós mesmas através de critérios estipulados do que é a beleza eurocêntrica — elitista, machista, gordofóbica e racista — ditados por homens. eles passaram a ser mais diversos? talvez. essa é a lógica

capitalista, e não necessariamente uma luta de movimentos sociais.

mas, o que aconteceu para que até nós, as feministas, começássemos a defender que procedimentos estéticos podem ser “empoderadores” e para que, inclusive, passar batom vermelho virasse marca oficial de feministas? a partir dos anos 1980 e, principalmente, 1990, coincidentemente junto com o crescimento da indústria de beleza, alguns estudiosos passaram a defender conceitos como “escolha” e “agência” como parte da subjetividade humana e, parte de nós, feministas (liberais), incorporou tais conceitos aos nossos estudos.

por isso é tão estranho imaginarmos que o consumo de produtos aumenta, a variedade aumenta, a indústria fica cada dia mais cruel (e mais rica) e nós abraçando as pautas liberais, dizendo que é escolha nossa, que é “empoderamento”. em que momento isso aconteceu? em que momento passamos a defender uma das formas mais cruéis da opressão contra mulher como escolha nossa? e chamo de uma das mais cruéis porque ela é facilmente absorvível como pauta

nossa, mesmo entre as feministas. nunca estamos satisfeitas e felizes com os nossos corpos, e isso é culpa da indústria da beleza. não é comprando o discurso dessas empresas que alcançaremos “agência” e “poder de escolha”. não mesmo.

“efeito batom” é o nome midiático do fenômeno que faz a indústria da beleza (que nos vende produtos como maquiagem, hidratantes, artigos para unhas, depilação, cremes para cabelos, cosméticos em geral...) se manter aquecida mesmo durante as crises econômicas. quer dizer que, mesmo sem grana para consumir, as mulheres investem seu escasso dinheiro em produtos que, teoricamente, as fazem ficar mais bonitas. uma beleza artificial, criada pela publicidade para servir ao mercado — que precisa lucrar — e aos homens (patriarcado) — que, por sua vez, precisam nos manter controladas, inseguras, dependentes.

não é à toa que, mesmo duras, gastamos com cremes, esfoliantes, salões de beleza, batons e esmaltes... a vaidade feminina não é natural. ao longo dos anos fomos convencidas de que, para sermos belas, precisa-

mos dos produtos oferecidos por essas empresas.

se não é porque nascemos com maior propensão a sermos vaidosas, com “cérebro cor-de-rosa”, então por que não conseguimos nos sentir bonitas quando acordamos? ou quando estamos com olheiras? ou quando estamos sem rímel?

porque empresas precisam lucrar com nossa falta de autoestima. precisam nos convencer de que somos menores e feias sem maquiagem, sem nos depilarmos, sem alisarmos nossos cabelos... nos olharmos no espelho ao natural, do jeito que somos, e nos sentirmos bem é um exercício que pode parecer impossível, mas que precisa estar no nosso horizonte. para o bem da nossa saúde, para o bem das nossas filhas e para o fim dessas empresas que só têm uma certeza na vida: a de que não vão falir.





“MARCHA DAS VADIAS” NÃO É LIBERAÇÃO SEXUAL

Mulheres precisam tomar as ruas para condenar a violência, mas não pelo direito de serem chamadas de “vadias”

Por: Gail Dines e Wendy J. Murphy, para The Guardian

Traduzido por: Aline Rossi

Não faz muito tempo que ser chamada de “vadia” significava morte social. Nenhum garoto “legal” te levaria para casa para conhecer seus pais e nenhuma garota “boa” seria sua amiga. Ao mesmo tempo, recusar-se a se submeter ao sexo significava que você era uma “puritana” ou “frígida”. Em suma, não havia maneira certa de ser.

As coisas melhoraram um pouco, pois as mulheres jovens são mais insistentes em seu direito à autonomia sexual, mas as mulheres sexualmente ativas continuam vulneráveis a duros julgamentos sociais, mesmo quando a mídia de massa celebra e encoraja tal comportamento. E a pesquisa mostra que o rótulo “vadia” ainda tem consequências negativas a longo prazo, especialmente para as meninas mais jovens.

No entanto, um grupo de ativistas organizou um evento chamado Marcha das Vadias, em 2011, na cidade de Boston, Estados Unidos. Ele seguiu os passos de um evento semelhante em Toronto, onde as mulheres se reuniram em resposta a um comentário feito por um representante da polícia de que “as mulheres devem evitar se vestir como vadias para não serem vitimadas”.

Tal comentário é altamente ofensivo, ao sugerir que algumas vítimas de estupro são responsáveis pelos atos criminosos de seus agressores. Em vez de admoestar as mulheres a se vestirem de determinada maneira, a polícia deveria alertar os potenciais infratores de que deveriam “evitar agredir as mulheres para não irem para a prisão”.

O fato de que mais de 2 mil pessoas compareceram à Marcha em Boston sugere que as mulheres estão, de fato, famintas por autonomia

sexual. Mas algo mais estava em ação aqui: muitas das faixas protestavam contra a onipresença da violência sexual na vida das mulheres. Cartazes feitos por manifestantes mostraram que as mulheres estão com raiva de serem culpadas pela violência masculina e estão fartas do fracasso da cultura em responsabilizar os homens. Claramente, o tema da Marcha das Vadias atingiu um ponto forte, com eventos similares sendo planejados em todo o mundo.



As organizadoras alegam que celebrar a palavra “vadia” e promover uma dita atitude de vadia em geral ajudará as mulheres a alcançar plena autonomia sobre sua sexualidade. Mas o foco em “reivindicar” a palavra vadia não resolve o problema real. O termo vadia está tão profundamente enraizado na visão patriarcal de “santa/vagabunda” da sexualidade feminina que não pode ser salvo. A palavra está tão saturada com a ideologia de que a energia sexual feminina merece punição que tentar mudar seu significado é um desperdício de preciosos recursos feministas.

Seria melhor se as defensoras da ressignificação do termo expusessem a miríade de maneiras pelas quais a lei e a cultura possibilitam a criação de mitos sobre todos os tipos de mulheres — sexualmente ativas ou “castas”. Esses mitos facilitam a violência sexual ao minar a credibilidade das mulheres quando elas denunciam crimes sexuais. Quer culpemos as vítimas chamando-as de “vadias” (que, assim, pediram para serem estupradas) ou chamando-as de “frígidas” (que secretamente querem ser dominadas), o problema é que as estamos culpan-

do por sua própria vitimização, não importa o que elas façam. Incentivar as mulheres a adotar um comportamento considerado de “vadia” não vai mudar essa realidade feia.

Como professoras que viajam pelo país falando sobre violência sexual, pornografia e feminismo, ouvimos histórias de estudantes que sentem intensa pressão para estarem disponíveis sexualmente. Essas estudantes cresceram em uma cultura na qual imagens hipersexualizadas de mulheres jovens são comuns e onde o pornô *hardcore* é a principal forma de educação sexual para homens jovens. Elas têm dito repetidas vezes que, para serem valorizadas em tal cultura, devem parecer e agir como vadias, porém sem serem rotuladas como vadias, porque o rótulo tem terríveis consequências, incluindo ser culpada por sofrer estupro, depressão, ansiedade, distúrbios alimentares e automutilação.

As mulheres precisam encontrar maneiras de criar sua própria sexualidade autêntica, fora dos termos definidos pelo homem, como vadia.

O recente fenômeno TubeCrush, em que mulheres jovens fotografam homens que

acham atraentes no metrô de Londres e publicam em um site, ilustra a facilidade com que as mulheres copiam normas sociais dominantes de objetificação sexual, em vez de explorar algo novo e criativo. Embora essas imagens possam ser inocentes e em grande parte livres de insinuações sexuais, podemos apenas imaginar a linguagem sexualmente agressiva que acompanharia um site dedicado a fotos secretas de mulheres.

Enquanto as organizadoras da Macha das Vadias podem pensar que orgulhosamente se chamarem de “vadias” é uma maneira de dar poder às mulheres, elas estão de fato dificultando a vida das meninas que estão tentando fazer seu próprio caminho através do terreno complicado da adolescência.

As mulheres precisam ir às ruas — mas não pelo direito de serem chamadas de “vadias”. As mulheres devem lutar por libertar-se de mitos culturalmente impostos sobre sua sexualidade que encorajam a violência de gênero. Nossas filhas — e nossos filhos — têm o direito de viver em um mundo que celebra igualmente a liberdade sexual e a integridade corporal das mulheres.



QUE NADA NOS DEFINA



PRECISAMOS ENSINAR NOSSAS MULHERES E MENINAS A DIZER “NÃO”

Por: Sapataria Radical

Quando mulheres feministas apontam que o feminismo está cooptado pelo liberalismo, é porque feminismo não é sobre empoderamento individual, conceito que, inclusive, é extremamente falho. Feminismo é um movimento político que pauta estruturas de poder institucionalizadas e ideologias baseadas na manutenção dessas estruturas. Feminismo é sobre a regra, e não sobre quaisquer exceções. A existência (questionável por si só) de uma relação heterossexual não abusiva, por exemplo, não anula séculos de opressão de homens sobre mulheres, não quer dizer que a imensa maioria dessas relações não é abusiva (porque é), não significa que é errado problematizarmos a heterossexualidade porque constrange a coleguinha.

E isso não quer dizer que uma mulher conseguir se livrar de uma situação de vulnerabilidade, por exemplo, não seja uma vitória — pautar a estrutura, o coletivo, o todo, não significa não levarmos em conta nossos sentimentos e os sentimentos de outras mulheres. Pautar bem-estar e cuidado entre mulheres também é uma questão feminista. Pararmos e pensarmos em nós mesmas e nas nossas sensações, idem — afinal: o pessoal é político. O que não é viável é basearmos nossas teoria e prática políticas em questões estritamente pessoais.

As políticas de orgasmo nos fizeram pensar que fazer sexo é ser livre. Que uma mulher que transa com vários homens é uma mulher empoderada e, por consequência, vitória feminista. Mas essa relação entre sexo e liberdade é falha, principalmente quando se trata de sexo heterossexual. O que há de necessariamente libertário em fazer sexo? Mulheres têm o direito de transar com quem quiserem, sim, e não devem nunca ser julgadas por isso, mas, antes de lutarmos pelo direito de tran-

sar com quem quisermos, será que não devemos pautar o que é o nosso querer e em cima de que pilares ele está construído? Antes de falar de liberdade sexual, feminismo precisa pautar consentimento. Precisa reconstruir a autoestima feminina estilhaçada pelo patriarcado para que mulheres se sintam merecedoras do “não”. Precisamos falar sobre dizer “não”.

Quando eu, vítima de violências físicas e psicológicas providas de dois relacionamentos heterossexuais extremamente abusivos, conheci o feminismo (liberal, apesar de não ter sido apresentado dessa forma), essa relação entre sexo e liberdade me foi apresentada, e nela pautei aquilo que eu encarava como meu empoderamento. Feminismo liberal ajudou-me a não me culpar por fazer sexo, mas falhou em me lembrar que uma menina de 17 anos, fragilizada emocionalmente, fazer sexo com homens mais velhos simplesmente porque eles quiseram — e quem era eu, pedaço de nada, para recusar se alguém nesse mundo estava me desejando — era extremamente perigoso e descuidado. Feminismo liberal não me ajudou a problematizar que não conse-

guir dizer “não” era muito pior do que não transar pelo motivo que seja. E quando eu passava a noite transando com um homem que nunca tinha visto na vida, no dia seguinte acordava acreditando que, por esse simples motivo, eu estaria me empoderando. Na minha concepção, eu estava me libertando das amarras do patriarcado. Eu era livre.

Hoje, anos depois, sou uma mulher de 20 e poucos anos que acabou de perceber que nunca disse “não”. Essa verdade veio a mim de repente, quando procurei em minha mente algum momento, qualquer um que fosse, em que eu recusei sexo, de homens ou mulheres, e não lembrei de nenhum. E, encucada com essa constatação, comecei a reviver momentos de minha memória em que eu não estava a fim de fazer sexo, mas que outra pessoa quis, e acabei transando. E esses momentos foram se amontoando. E a realidade veio a mim num átimo, dolorosa e incontestável: quantas vezes foi estuprada uma pessoa incapaz de dizer “não”? E como encontrar, em meio a tantas relações embaralhadas na minha memória, minha própria vontade? Com quais dessas pessoas eu quis transar? Quais des-

sas pessoas eu nem sequer quis beijar? Parece absurdo que eu não tenha percebido isso antes. Mas o feminismo *mainstream*, esse que é cooptado pelo liberalismo, fala disso?

Se quando eu tivesse 17 anos, uma menina ansiando por libertação, o debate “feminista” tivesse me ensinado que a tal “liberdade” não é meramente sexo sem julgamentos, é, muito mais e entre outras milhares de coisas, reconhecer a própria importância o suficiente para valorizar as próprias escolhas e vontades, talvez eu tivesse tomado conhecimento de minha incapacidade mais cedo. Talvez eu não estivesse tão machucada hoje. Eu, feminista lésbica sobrevivente, hoje estou com medo de nunca me considerar boa o suficiente pra recusar sexo com pessoas que considero tão mais importantes que eu. Estou com medo de ser essa menina machucada para sempre. Estou com medo de nunca conseguir dizer “não”. E se isso é culpa dos homens que me fizeram crer desde tão cedo que eu não era nada, é culpa desse pretenso feminismo liberal também, que não me disse que talvez eu não fosse tão dona das minhas escolhas assim.

Problematizar consentimento, escolhas e vontades não é considerar mulheres incapazes. Não é acreditar que somos fracas. É ensinar que nada nesse mundo — o constrangimento do outro, a sua autoestima, a sua ideologia — é mais importante do que a sua vontade e o seu “não”. Dizer para uma mulher que ela pode dizer “não”, independentemente do quanto isso constranja outras pessoas, nunca será nocivo. Da mesma forma como o patriarcado ensina aos homens a desconsiderarem o “não” de uma mulher, ele ensina mulheres a nem o dizerem. No dia em que nenhuma mulher faça sexo apenas porque se sente minúscula demais para ter vontades, essa, sim, será uma vitória feminista. E falar sobre isso é infinitamente mais urgente do que falar de liberdade sexual.

Transar com quem “quiser” não é ser livre. E pensar no próprio querer, em de onde ele vem, em que está fundamentado e no quanto ele é realmente seu e não mais um fruto do patriarcado é prática feminista. Digamos “não”. Dizer “não” nunca é demais. E dizer “sim” sem estar bem consigo mesma pode destruir sua vida.

“NÃO.”

É UMA FRASE COMPLETA.

“PARE.”

É UMA FRASE COMPLETA.

“CHEGA.”

É UMA FRASE COMPLETA.



FEMINISMOS FRAGMENTADOS

Por: Susan Hawthorne, para a revista Labrys

Tradução por: Bruna Santiago (texto não integral)

Eu tenho arrepios quando vejo a palavra “feminismos”. Minha história enquanto feminista radical, poeta, teórica política, linguista e australiana provavelmente me predispõe a essa reação. Mas não é só um reflexo, é também um posicionamento político cuidadosamente pensado.

Meu reflexo contra o termo “feminismos” se dá porque ele nasce do obscurantismo pós-moderno. O pós-modernismo apareceu na cena feminista em torno dos anos 1980. Em dez anos, já tinha engolido o discurso acadêmico, não só nas teorias literária e filosófica, mas também nos Estudos Femininos, que logo se tornariam “Estudos de Gênero”. O feminismo não é central nessa filosofia. A experiência da opressão feminina é jogada para escanteio, como uma insignificância. O que é apresentado como “feminismos pós-modernos” é uma distorção massiva do feminismo e da história do feminismo.

O que nós ouvimos é que a história do feminismo é plana, chata, branca e de classe média. Porém, grande parte das membras mais ativas e antigas do Movimento de Libertação das Mulheres (MLM), na Austrália, eram aborígenes urbanas; uma era lésbica. As fundadoras do MLM não eram nem de longe a imagem estereotipada de mulher branca, jovem, de classe média.

Quando eu li “Sisterhood is Powerful” (A Irmandade é Poderosa, em tradução livre), de Robin Morgan, em 1973, o que me impressionou foi a incrível diversidade de vozes naquela antologia. Algumas eram jovens e brancas, outras não. Meu ponto é que o feminismo é acusado de ser singular e restrito quando estava longe de ser isso. É difícil pontuar de onde essa ideia veio, mas eu tenho memórias vívidas de discussões em conferências na Austrália, nos anos 1980, em que eu ouvia tais comentários. Eu já rodei por aí o suficiente e me envolvi em atividades políticas culturais suficientemente diferentes nos últimos 40 anos para saber que essa acusação é

mentirosa. Já trabalhei com feministas em Bangladesh e na Índia; trabalhei com mulheres aborígenes e com suas demandas; discuti políticas lésbicas com feministas lésbicas em Uganda; eu conheço mulheres em países ao redor do mundo que têm sido parte da luta feminista o suficiente para saber que o feminismo nunca foi restrito; apesar de partes da mídia e algumas feministas desejarem assim o chamar. O feminismo e as feministas não são perfeitos. Mulheres negras ao redor do mundo estão frustradas e bravas por não serem ouvidas, com razão. Lésbicas estão cansadas de serem desprezadas quando a questão é abuso de direitos humanos porque a palavra “lésbica” não ajuda a levantar recursos e apoio, com razão. Mulheres com deficiências estão exaustas de serem usadas pra preencher cotas e serem retratadas como exóticas, com razão. Nem toda mulher que se proclama feminista está necessariamente informada sobre as complexidades do feminismo. Mas têm sido feministas que levantaram questões de desigualdade, de opressão, de ódio, de destruição ambiental e de guerra muito antes de essas conversas se tornarem senso comum. Ignorar as ideias

e os escritos de mulheres racializadas, de mulheres indígenas, de mulheres da classe trabalhadora, de mulheres com deficiências e de mulheres lésbicas é um insulto. Ignorar nossas vozes é distorcer nossa história. Além do mais, o feminismo, por abraçar metade da população mundial, sempre foi pluralista; sempre houve discordâncias entre nós, mas isso não significa que não possamos trabalhar juntas. Discordância, discussão é o que faz você pensar duas vezes. Significa que mais do que uma mente está trabalhando; abre a possibilidade para várias mentes mastigarem o mesmo problema. Atualmente, em vez de discutirmos, nos xingam e nos silenciam. Às vezes, isso vem de alguém na plateia que está levantada e, na verdade, está dizendo “o que você disse me fez sentir insegura”. Andar na rua às vezes me faz sentir insegura, mas eu ainda o faço. Tais jogadas são feitas pra interromper debates, provocam culpa, e são simplesmente maldosas. Muito frequentemente a pessoa que diz isso é um homem.

O pós-modernismo se engajou na rotulação, incluindo acusar feministas de serem “essencialistas”. De alguma forma, começou a pegar mal que nós

nos organizássemos em torno de nossa opressão como mulheres. Aquelas de nós que cresceram como meninas e mulheres compartilham experiências similares de opressão ao redor do mundo porque fomos estupradas, privadas de comida, brutalizadas, sub-remuneradas (ou não remuneradas). Fomos humilhadas e desumanizadas. Às vezes, nossas crianças são roubadas de nós, frequentemente somos abandonadas para viver na pobreza, tentando cuidar de familiares com quase nada. Apesar disso, violência de vingança contra homens é rara. Essas coisas acontecem conosco porque somos mulheres. O alcance da brutalidade será aumentado se fizermos parte de um grupo desprezado: colonizadas, pretas, lésbicas, em situação de prostituição, deficientes, idosas, pobres ou membras de uma classe ou casta que nos coloca na categoria mais baixa da sociedade. O que não é percebido é que o pensamento fálico e os textos masculinos são eles mesmos atos de essencialismo.

O que um pós-moderno quer dizer com isso? Se eu me organizo em torno da minha experiência com epilepsia, que é um evento corporal, eu estarei sendo

essencialista, ou estarei usando minha experiência como uma forma de falar da discriminação baseada em percepções que outras pessoas têm do corpo epiléptico? Como isso é diferente da discriminação baseada em percepções que outras pessoas têm do corpo feminino?

Outro motivo pelo qual “feminismos” me choca é porque deixa tão claro que estamos implorando para sermos aceitas. O feminismo é uma ideia radical. Sugere que cerca de seis mil anos de patriarcado devem ser destruídos. Desafia não só as estruturas do patriarcado, mas também do capitalismo e da colonização. Essas são nossas atuais instituições de poder sustentadas pela circulação monetária internacional, por acordos de livre mercado junto à Organização Mundial do Comércio, pelo FMI, pelo Banco Mundial e pelo Consenso de Washington. Fora dessas instituições formais estão grupos semelhantemente poderosos, como a indústria do sexo, a indústria farmacêutica, a indústria alimentar, a indústria de *commodities* (petróleo, carvão, metais raros e preciosos) e o tráfico internacional de armas, drogas e corpos de mulheres.



O que você não ouve nas discussões sobre poder pelos poderosos é sobre noções de “capitalismoS”. Não, eles são unidos e esclarecidos sobre como lucrarão em cima de e como explorarão pessoas comuns. Luta política é sobre unir-se ao redor de uma causa em comum. Uma vez que os comunistas começaram a se fragmentar, praticamente acabou. Quando feministas pós-modernas falam em “feminismos”, praticamente acabou.

Justamente quando os escritos de mulheres e a literatura feminista estavam em ascensão, quando editoras e livrarias feministas estavam prosperando, quando as mulheres estavam descobrindo que o patriarcado não era nem inevitável nem universal, o pós-modernismo acusou-nos de sermos “essencialistas”.

Quando feministas estavam se encontrando em confe-

rências internacionais, comparando as diferentes experiências entre culturas, aprendendo umas com as outras, conversando entre fronteiras e culturas, ouvimos que “você não pode falar por outra pessoa se não é seu lugar de fala”. Isso apagou a chama de diversas mulheres engajadas em ativismo político porque elas podiam acidentalmente fazer uma declaração genérica sobre as experiências de mulheres e serem vaiadas pelo pequeno número de vozes academicamente articuladas que assumiam a posição contraditória de que não pode haver posição nenhuma. Politicamente, isso é um tiro no pé. A noção de coletividade, que era tão cara ao MLM, foi jogada pela janela e substituída pelo individualismo libertário e pelo que Renate Klein chamou de “armadilha da escolha”. Uma escolha é a habilidade de decidir entre duas coisas razoavelmente

semelhantes, por exemplo, entre um bolo de chocolate ou um pudim. A “escolha” entre, digamos, viver na pobreza ou se prostituir não é uma escolha, é uma decisão difícil que se deseja que mulher nenhuma tenha que fazer.

Feministas criticaram a instituição do estupro, as indústrias da pornografia e da prostituição, e logo viram uma aliança entre a indústria do sexo, setores significantes do movimento de liberação gay e aquelas pessoas que queriam definir a prostituição como um trabalho e uma escolha.

Feministas analisaram estruturas de linguagem, mas logo ouviram as não palavras que seriam aplicadas ao feminismo para desviar os ventos radicais de nossas velas. Começamos a ouvir a palavra “gênero”. Feministas não lutam por gênero; nós estamos lutando justamente para nos livrarmos do gênero. Existem apenas dois gêneros, o masculino e o feminino, e eles representam os piores aspectos da estereotipação social aplicada a homens e a mulheres. Logo a palavra “estupro” foi cortada e substituída por “violência de gênero”. “Gênero” deixou os Estudos Femininos mais confortáveis para homens. “Gênero” significou que homens

puderam invadir organizações de mulheres; “gênero” é uma forma de confundir debates políticos, porque, afinal, existem muitos feminismos, então, você não pode me excluir! Quem é você, sua feminista-dinossauro, para dizer o que eu posso ou não fazer? É, novamente, uma resposta libertária individualizada.

O uso da palavra “*queer*” teve o mesmo efeito no movimento lésbico. Apagou lésbicas. Lésbicas, a espinha dorsal do MLM, não eram mais bem-vindas, a não ser que estivessem preparadas para serem subordinadas à sigla GLS — depois LGB, depois LGBT, depois LGBTI, depois LGBTIQ... Tal sopa de letrinhas não é útil ao avanço da causa feminista. Em algumas partes do movimento LGBTIQ, ser heterossexual é colocado como radical! E agora todo mundo quer se casar! Eu não me juntei ao MLM para lutar pelo casamento — e muitas mulheres heterossexuais também não; lutávamos para eliminar a instituição do casamento, assim como estávamos tentando viver em um mundo livre de gênero.

Muitas outras ideias ridículas foram levadas adiante em nome dos feminismos. Margot

Weiss, por exemplo, escreve sobre o que ela chama de “aulas de BDSM consensual” e ela se refere a isso como “peça”. Weiss fala também sobre Abu Ghraib e como suas fotos podem ser entendidas como representações e fantasias sexuais da tortura. A tortura real em Abu Ghraib é real para os prisioneiros e, assim como as mulheres abusadas na pornografia, ela se torna uma fantasia para alguém que assiste de fora. Tudo se resume a performances. Performatividade veio direto da teoria pós-moderna. A aceitação acadêmica da tortura enquanto um jogo se apropria de pessoas vivendo sob regimes totalitários que não têm o luxo de dizer “não”. Esquece totalmente a história da interseção entre a colonização das mulheres e a colonização do “outro”.

A ideia de vários feminismos tem sido usada para destruir o feminismo e, em particular, para destruir o feminismo radical. Uma feminista reconhece que mulheres, enquanto classe, são oprimidas, e em seguida faz algo para mudar isso. Estamos todas sujeitas a uma multiplicidade de forças sociais, políticas e econômicas, para combater isso precisamos de unidade. Opressão é uma força singular — pode vir de vá-

rias direções, simultaneamente — mas a luta contra ela deve ser uma ideia unificada, uma que permita que mulheres (no caso do feminismo) se juntem e lutem contra as forças que nos oprimem.

O feminismo não é restritivo. Representar 52% da população não é, nem de longe, restritivo. Porque o feminismo representa, sim, todas as mulheres, mesmo que nem todas queiram ser representadas. Eu quero um fim para esse recipiente oco chamado “feminismos”. Eu quero um feminismo multifacetado e, ainda assim, unido. Eu quero poesia e música e arte, assim como política e ação coletiva. Eu quero que tentemos viver de forma diferente, viver de forma que não apoiemos as estruturas globais de poder que são montadas para nos dividir. Eu quero a chance de sentar e conversar, sem que gritem comigo e sem ser acusada de ser fóbica a isso ou a aquilo. Essas práticas não nos levam a lugar algum.

Tenhamos paixão, imaginação, epifanias — e até discórdâncias — feministas reais. Mas reconheçamos que estamos todas do mesmo lado, não espalhadas em diferenças fragmentadas que significam que não podemos mais falar entre nós e por nós.



A TOLERÂNCIA TOMOU CONTA DO FEMINISMO E AMEAÇA DESTRUIR O MOVIMENTO

Por: May Mundt-Leach, para Feminist Current

Traduzido por: Mariana Amaral (texto não integral)

A regra totalitária do patriarcado reforçou um preceito prejudicial a jovens mulheres: nenhum juízo de valor deve ser feito sobre nada nem ninguém. Moral virou coisa de puritano e engajamento crítico se tornou “excludente” para vários grupos de indivíduos. O termo “patriarcado” é papagaiado como se não fosse nada além de um estranho objeto que ocasionalmente cai do céu, sendo constantemente mencionado de forma passageira, mas nunca lhe conferindo realmente a profundidade analítica que requer.

No patriarcado, as mulheres foram ensinadas a viver em um estado perpétuo de tolerância. A tolerância com as atitudes dos homens, com a cultura, com o comportamento e com a sexualidade foi historicamente reforçada nas mulheres pelas leis de deuses masculinos, estados masculinos e membros homens das famílias. Da “caça às bruxas”, em que milhares de mulheres foram publicamente torturadas e assassinadas por recusarem a se dobrar à autoridade da Igreja, até as formas geralmente brutais de anti-lesbianidade contra mulheres que se relacionam com outras mulheres em vez de homens, a perseguição é aparentemente inevitável para as mulheres que se recusam a ser tolerantes com a ordem dos homens. Hoje em dia, o treinamento da tolerância começa cedo — meninas são ensinadas a suportar os meninos que as humilham, a virar o rosto para a pornografia *online* e fechar os ouvidos para a misoginia que todas escutam por todos os lados.

A tolerância é uma posição passiva, que cria uma não ação, apatia e sensibilidade reprimida em relação às injustiças praticadas pelos homens contra as mulheres. Em outras palavras, o condicionamento de mulheres e garotas para serem “tolerantes” é intencional. Não é surpre-

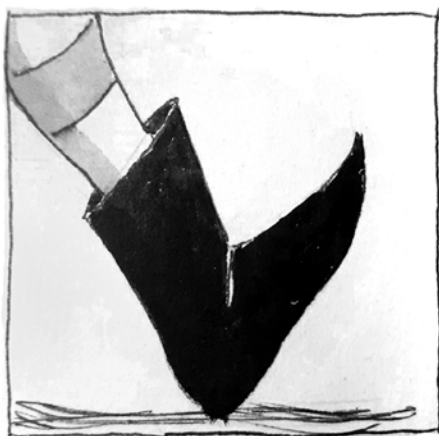
sa, então, que mulheres — particularmente jovens mulheres — estejam relutantes em formar seu próprio senso de certo e errado; de discernir quais valores podem ser considerados feministas e quais não; e para articular o que precisa de mudanças, para que mulheres sejam algum dia livres da dominação masculina.

Essa tirania da tolerância é mais evidente no que hoje é chamado de “feminismo interseccional” e que domina muitas universidades ocidentais. O mau uso da teoria original de Kimberlé Crenshaw mostra que esse tipo de “feminismo” reflete um certo tipo de individualismo liberal, que adere aos dogmas masculinos sob o disfarce de justiça social progressista. Não é coincidência que as escolhas que essa ideologia considera “feministas” representam, até a última gota de rímel, as ferramentas usadas pelos homens para colonizar as mulheres.

A prostituição, agora nomeada “trabalho sexual” por muitos estudantes ativistas e acadêmicos, é apresentada nesse contexto como resultado das escolhas pessoais e empoderadas das mulheres, apesar da realidade de que a maioria das

mulheres na prostituição está nessa situação por falta de escolhas. A indústria multibilionária da pornografia grava e distribui atos sádicos de misoginia, assim como de pedofilia, homofobia e racismo para milhões de homens e meninos ao redor do mundo. E essas indústrias de abuso são propagandeadas como “feministas” para alguns, enquanto mulheres que criticam esse mercado são tratadas como “antissexo” ou “putafóbicas”.

Fica evidente que, para ser aceita nesse novo clubinho feminista, você deve ser tolerante com todos os sistemas em que mulheres podem (hipoteticamente) apresentar poder de escolha, desconsiderando os propósitos pretendidos por esses sistemas. O que torna impossível definir um conjunto de valores coletivos ou reivindicar objetivos compartilhados, por conta de um desejo de parecer sensível e “respeitosa” com as opiniões de todas as mulheres do grupo. Manter o respeito com outras mulheres é, claro, importante, mas isso não deveria vir às custas de ser completamente incapaz de expressar discordância sobre um ponto de vista particular ou uma afirmação política.



Tá ao contrário



No entendimento popular do “feminismo interseccional”, mulheres ouvem que são pecadoras por possuírem um privilégio “cisgênero”, o que torna ter nascido e permanecer se chamando mulher um privilégio que mulheres têm. Mulheres que possuem o “privilégio cis” são ditas capazes de oprimir homens, se esses homens decidirem que eles gostariam de não ser identificados como tal. Para ser uma feminista tolerante atualmente, é preciso se arrepender pública e eternamente por seus supostos pecados — sendo o maior deles, de acordo com alguns, a posse de um corpo feminino.

Em 2017, 136 mulheres foram mortas por homens no Reino Unido. Na Índia, onde a prática de infanticídio de meninas é particularmente comum, a população de meninas no grupo

etário de 0 a 6 anos caiu de aproximadamente 79 milhões para 75 milhões em 2011. Mês passado, a Dinamarca abriu seu primeiro bordel de bonecas sexuais. O bordel se promoveu como “um lugar onde todos os homens são bem-vindos e onde as garotas não dizem ‘não’”. Na Inglaterra e no País de Gales juntos, 85 mil mulheres são estupradas a cada ano. Isso significa que, em média, 10 mulheres serão estupradas por hora.

Mulheres devem reconsiderar o que elas toleram e o que elas não toleram. Apesar do fato de as mulheres intolerantes serem tachadas de “excludentes”, “fóbicas” ou “odiosas”, foram os homens que sistematicamente oprimiram as mulheres por séculos e ainda permanecem sendo tolerados pela maioria de nós. Enquanto mulheres, nós temos que começar a formar o que Andrea Dworkin chamou de “inteligência moral” — uma habilidade de construir nosso próprio sistema de valor e ética centrado nas mulheres. Olhando para o rastro de violência, colonização e mortes causadas por homens ao redor do globo, não existe nenhuma razão para mulheres serem tolerantes com os dogmas patriarcais; não importa a forma que eles tomem.



NÃO, FEMINISMO NÃO É SOBRE ESCOLHA

Feminismo é sobre libertação de mulheres

Por: Meagan Tyler, para The Conversation

Traduzido por: Mariana Amaral (texto não integral)

Feminismo voltou a estar na moda. Figuras públicas, corporações e boa parte da mídia de massa têm propagado uma versão pouco desafiadora de feminismo no imaginário popular. É um feminismo que nunca menciona a libertação das mulheres, mas opta por uma celebração da liberdade de “escolha”.

Leia praticamente qualquer artigo sobre feminismo e perceba como os comentários vão rapidamente recair sobre o debate da escolha. Não importa exatamente qual seja o assunto, as pessoas são rápidas em reenquadrá-lo em uma questão de empoderamento individual e direito de escolha das mulheres. Essa tática proporciona um bom desvio do debate sobre as estruturas de poder e as normas sociais que ainda restringem as mulheres de várias formas, em todas as partes do mundo.

Essa versão liberal de “feminismo de escolha” foi usada até quando um candidato do partido Liberal Democrats (Democratas Liberais, em tradução livre) do Reino Unido tentou justificar imagens dele ganhando uma *lap dance* em uma boate de *striptease*. Aparentemente, foi tudo parte de sua missão feminista de apoiar “o empoderamento de mulheres para fazerem escolhas e não julgar as escolhas que elas fazem”. Até a Playboy decidiu recentemente surfar a onda da teoria feminista e apareceu defendendo os direitos das mulheres de serem pornificadas. O que, é claro, encaixa perfeitamente nos planos de negócio da revista, algo muito conveniente.

A ascensão desse feminismo *pop* é, na verdade, mais traiçoeira do que a finalidade oca da afirmação “eu escolho minhas escolhas” pode parecer. Primeiramente, o argumento da escolha é fundamentalmente falho, porque se assume um nível de liberdade consumada que, para a realidade

das mulheres, simplesmente não existe. Claro, nós fazemos escolhas, mas essas escolhas são moldadas e restritas pelas condições de desigualdade em que vivemos. Só faria sentido celebrar sem críticas o poder de escolha em um mundo pós-patriarcado.

Segundo, a ideia de que mais escolhas automaticamente significam mais liberdade é falsa. Isso é praticamente vender liberalismo com um toque feminista. Claro que mulheres agora podem trabalhar ou ficar em casa se elas tiverem filhos, por exemplo, mas essa “escolha” é praticamente vazia quando se tem em mente que o cuidado com os filhos continua sendo construído como “um trabalho de mulher” e que o apoio estatal voltado para creches públicas praticamente inexistente e que mulheres que decidem por não terem filhos ainda são vistas como egoístas.

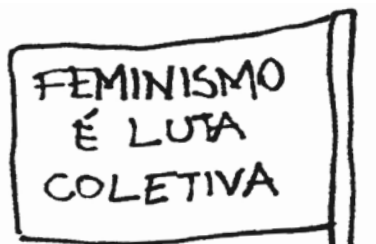
Terceiro, o foco em escolhas como o pretexto e o fim em si mesmo do feminismo tem resultado em uma forma perversa de culpabilização de vítimas e distração dos problemas reais que as mulheres ainda enfrentam. Se você não está feliz com a situação das coisas, não culpe a misoginia ou o machismo, os salários desi-

guais, os papéis impostos de gênero, a baixa representatividade de mulheres em parlamentos ou em cargos de chefia, nem culpe a violência epidêmica dos homens contra as mulheres. Culpe a si mesma. Você, obviamente, fez a escolha errada.

Privilegiando escolhas individuais acima de tudo, o feminismo não demandaria mudanças sociais significativas, o que mina efetivamente a chamada por ação coletiva. Esse novo feminismo basicamente não te exige nada e não te dá nada em troca. Em vez de resistência, agora temos atividades que antes eram consideradas arquétipos do *status* de subordinação das mulheres sendo apresentadas como escolhas pessoais libertadoras. Assédio sexual foi repaginado como uma brincadeira inofensiva de que mulheres podem gostar. O casamento foi reconstruído como uma celebração de amor pró-feminista. Cirurgia de labioplastia agora é vista como um aprimoramento estético. Pornografia é emancipação sexual. Objetificação é o novo empoderamento.

A celebração da “escolha” — e o mito de uma igualdade já alcançada — têm dificultado nossa habilidade de desafiar as instituições que atrasam o progresso

das mulheres. Mas a luta ainda não acabou. Muitas mulheres estão voltando a afirmar que o feminismo é um movimento social necessário para a igualdade e a libertação de todas as mulheres, e não apenas banalidades sobre escolhas para algumas.



PELA LIBERTAÇÃO
DAS MULHERES

**ESTE ZINE É O RESULTADO DO
TRABALHO DE VÁRIAS MULHERES.**

**QUALQUER PESSOA ESTÁ
APTA A VENDÊ-LO PARA
CUSTEAR SUA PRODUÇÃO.
ESTE ZINE NÃO POSSUI FINS COMERCIAIS.**

**CADA MATERIAL PRESENTE NESTE ZINE
PERTENCE À SUA RESPECTIVA AUTORA.**

**É PROIBIDO MODIFICAR ESTE
MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.
NÃO RETIRE OS CRÉDITOS.**

**É LIVRE A REDISTRIBUIÇÃO
DESTE MATERIAL.**

2019 © CACHALOTE PUBLICAÇÕES

